

DF-Economia

MERCADO FINANCEIRO

Com 10% da população ganhando mais de R\$ 20 mil por mês, DF faz instituições financeiras desviarem o foco do Rio e de São Paulo e ampliarem negócios na capital. Número de investidores em bolsa triplicou

Brasília, o eldorado dos bancos

VICENTE NUNES E
EDNA SIMÃO

DA EQUIPE DO CORREIO

O mercado financeiro de Brasília está fervilhando. Com cerca de 10% de sua população, mais de 200 mil pessoas, recebendo salários mensais acima de R\$ 20 mil, a capital do país fez com que bancos e corretoras de valores desviassem o foco do eixo Rio de Janeiro—São Paulo para fincar raízes por aqui. O interesse ficou maior depois que a Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa) informou que o brasileiro mostrou um apetite incomum para investimentos em ações. Nos últimos três anos, o número de moradores do Distrito Federal operando no pregão paulista aumentou 341%, bem acima da média nacional, de 291%. O DF já é o sétimo maior mercado do Brasil em investidores pessoas físicas que, dia sim, outro também, compram e vendem papéis na Bovespa.

O mais novo ator na disputa pelo brasileiro é o Banco Fator, que chegou à capital federal de mansinho, há pouco mais de dois anos, por meio de uma corretora que carrega o seu nome. Na próxima terça-feira, a instituição dá o pontapé para abrir, aqui, sua primeira filial na região Centro-Oeste. “Vamos consolidar nossa posição em Brasília. É um mercado de risco muito baixo quando comparado à média do país”, diz Valderi Albuquerque, diretor regional do banco. “Lidaremos com um público especial, o servidor público, que tem estabilidade de emprego e renda bem acima dos demais trabalhadores”, destaca. A meta do Fator não é ser a principal instituição dos potenciais clientes. “Como banco de médio porte, altamente especializado, faremos um serviço complementar. Vamos oferecer investimentos personalizados para pessoas com poupança acima de R\$ 50 mil”, explica. “Com a queda das taxas de juros, para ganhar dinheiro é preciso enfrentar riscos. E isso exige conhecimento”, assinala.

As pessoas físicas são, porém, apenas um dos pilares da estrutura montada pelo Fator em Brasília. “Também daremos apoio às empresas locais que desejam

abrir o capital e lançar ações em bolsa. E, claro, estreitaremos as relações com os fundos de pensão. Das 14 entidades com sede na capital e patrimônio superior a R\$ 100 bilhões, queremos pelo menos cinco na nossa lista de clientes”, avisa Albuquerque. “Neste primeiro ano em Brasília, pretendemos triplicar a base de clientes da corretora, hoje de 300 pessoas, e captar pelo menos R\$ 100 milhões em fundos de investimento”, ressalta.

Entre os grandes bancos, a movimentação por uma fatia maior do mercado é intensa e tende a ficar ainda maior com a decisão do presidente Lula de liberar as instituições privadas a concederem crédito consignado

“**BRASÍLIA É UM MERCADO DE RISCO MUITO BAIXO QUANDO COMPARADO À MÉDIA DO PAÍS**”

Valderi Albuquerque, diretor do Banco Fator

(com desconto em folha) para o funcionalismo. O HSBC abriu, na semana passada, sua segunda agência Premier Centre em Brasília, para atender o público de alta renda. O ponto foi cravado na área mais nobre da capital federal, o Lago Sul. Em breve, será a vez de o Sudoeste entrar no mapa da instituição. “Há muita gente, com renda elevada, fixando residência em Brasília. E o Sudoeste está recebendo grandes empreendimentos e tem uma população com um poder de compra considerável”, assinala. O HSBC tem cinco agências na capital e atende 46 mil clientes, dos quais 5 mil com renda mensal superior a R\$ 8 mil (ou R\$ 5 mil, se tiver investimentos de mais de R\$ 50 mil).

No Bradesco, conta Odair Rebelato, diretor-executivo da instituição, os planos são de abrir 10 agências no DF neste ano, uma

delas com a bandeira Prime, para a alta renda. Mas o foco principal do banco será o entorno de Brasília, onde está a base da pirâmide social — as classes D e E —, que tem sido muito beneficiada pelo firme crescimento econômico do país. “Já estamos bem posicionados junto ao público de renda elevada. E isso não quer dizer que não estaremos atentos a esse mercado. Mas é na base que identificamos um forte potencial. Queremos ser o primeiro banco desse público que está entrando no mercado”, diz.

Fator BRB

Com as instituições privadas tão ativas, o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal reforçam as estratégias para manter as privilegiadas participações que têm no mercado brasileiro. O BB, particularmente, está jogando pesado para assumir o controle do BRB, o Banco de Brasília, que será vendido pelo governo local. Com 800 mil clientes na capital e mais de R\$ 2 bilhões em crédito liberados no ano passado para a região, o Banco do Brasil acredita que, com o BRB, se distanciará muito dos concorrentes, sobretudo porque ampliará em quase 200 mil a base de correntistas-servidores.

Na Caixa, conta o superintendente para o Distrito Federal, Elício Amaral, está em fase final um estudo para redimensionar o tamanho da instituição na capital. Uma coisa, porém, está certa: o banco oferecerá este ano R\$ 1 bilhão aos moradores do DF para o financiamento da casa própria e para obras de infraestrutura urbana — quase 50% a mais do que em 2007.

Entre as corretoras, a Ativa desembolsou R\$ 250 mil para triplicar a estrutura de atendimento aos investidores do mercado de ações. “Estamos operando em dois andares, com salas para o público, mesa de operação e auditório para palestras, pois precisamos educar a clientela, o que ajuda a reduzir os riscos das aplicações”, conta Cássio Corrêa, gerente comercial da Ativa. Na Ágora Corretora, que tem 4,2 mil clientes em Brasília, dobrou o número de consultores. “O DF já é nosso quinto mercado e responde por 6% dos negócios da Ágora”, revela o gerente comercial, Hélio Pio.